

A ASSOMBRAÇÃO  
DA CASA DA COLINA

**SHIRLEY  
JACKSON**

*Tradução*  
Débora Landsberg



Copyright © 1959 by Shirley Jackson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Haunting of Hill House

*Capa e ilustração*

Elisa von Randow

*Preparação*

Julia Passos

*Revisão*

Adriana Bairrada

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jackson, Shirley, 1916-1965.

A assombração da Casa da Colina / Shirley Jackson ; tradução  
Débora Landsberg. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2018.

Título original: The Haunting of Hill House.

ISBN 978-85-5651-063-1

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título.

18-13559

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana

813.5

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorasuma](https://facebook.com/editorasuma)

[instagram.com/editorasuma](https://instagram.com/editorasuma)

[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)

*Para Leonard Brown*



**N**enhum organismo vivo pode existir muito tempo com sanidade sob condições de realidade absoluta; até cotovias e gafanhotos, supõem alguns, sonham. A Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra os montes, aprisionando as trevas em seu interior; estava desse jeito havia oitenta anos e talvez continuasse por mais oitenta. Lá dentro, paredes continuavam de pé, tijolos se juntavam com perfeição, assoalhos estavam firmes e portas estavam sensatamente fechadas; o silêncio se escorava com equilíbrio na madeira e nas pedras da Casa da Colina, e o que entrasse ali, entrava sozinho.

O dr. John Montague era doutor em filosofia; havia se formado em antropologia, com a estranha sensação de que nessa área talvez se aproximasse mais de sua verdadeira vocação, a análise de manifestações sobrenaturais. Era cuidadoso quanto ao uso de seu título porque, com suas pesquisas sendo tão completamente não científicas, esperava emprestar-lhes um ar de respeitabilidade, até mesmo de autoridade acadêmica, com sua formação. Havia lhe sido bastante custoso, em termos de dinheiro e orgulho, já que não era um pedinte, alugar a Casa da Colina por três meses, mas esperava ser totalmente recompensado pelo esforço através da sensação que se seguiria à publicação de sua obra definitiva sobre as causas e consequências de transtornos psíquicos em uma casa conhecida como “assombrada”. Vinha procurando uma casa de fato assombrada a vida inteira. Ao ficar sabendo da Casa da Colina, a princípio ficou desconfiado, depois esperançoso, depois incansável; não seria de seu feitio abandonar a Casa da Colina após encontrá-la.

As intenções do dr. Montague em relação à Casa da Colina se originavam nos métodos dos corajosos caça-fantasmas do século XIX; ele iria morar na Casa da Colina e ver o que acontecia ali. Sua intenção era, primeiro, seguir o exemplo da senhora anônima que foi se hospedar na Mansão Ballechin e deu uma festa para céticos e crédulos que durou todo o verão, com jogo de croqué e observação de fantasmas como as atrações principais, mas hoje em dia é mais difícil achar céticos, crédulos e bons jogadores de croqué; o dr. Montague foi obrigado a contratar assistentes. Talvez o estilo vagaroso da vida vitoriana se prestasse mais aos artifícios da investigação mediúcnica, ou talvez o registro meticuloso de fenômenos como meio de determinar sua veracidade tenha em grande medida se extinguido; de qualquer modo, o dr. Montague precisou não só empregar assistentes como procurá-los.

Como se considerava cuidadoso e íntegro, passou um bom tempo procurando assistentes. Esquadrinhou os registros das sociedades mediúnicas, os arquivos de jornais sensacionalistas, os relatórios de parapsicólogos, e juntou uma lista de pessoas que tinham, de uma forma ou de outra, em um momento ou outro, por mais breve ou dúbio que tivesse sido, participado de acontecimentos anormais. De sua lista eliminou primeiro os nomes de quem estava morto. Depois de riscar os nomes daqueles que lhe pareciam buscar publicidade, de inteligência abaixo do normal ou inadequados devido à clara tendência a assumir o centro das atenções, ficou com uma lista de cerca de uma dezena de nomes. Cada um deles, então, recebeu uma carta do dr. Montague os convidando para passarem todo ou parte do verão em uma confortável casa de campo, antiga, porém perfeitamente dotada de tubulação, eletricidade, aquecimento central e colchões limpos. O objetivo da estadia, as cartas declaravam sem rodeios, era observar e explorar as várias histórias desagradáveis que circulavam sobre a casa durante boa parte dos oitenta anos de sua existência. As cartas do dr. Montague não diziam com clareza que a Casa da Colina era assombrada, já que o dr. Montague era um homem da ciência e, até que testemunhasse de fato uma manifestação paranormal na Casa da Colina, não confiaria tanto assim na própria sorte. Dessa forma, suas cartas tinham certa dignidade ambígua, calculada para captar a imaginação de um tipo de leitor muito especial. Para suas cartas, o dr. Montague recebeu quatro respostas, enquanto os outros cerca de oito candidatos supostamente haviam se mudado sem deixar um endereço para o qual remeter a correspondência, ou provavelmente haviam perdido o interesse pelo sobrenatural, ou até, talvez, jamais tivessem existido. Aos quatro que responderam, o dr. Montague escreveu de novo, definindo uma data específica em que a casa seria oficialmente considerada pronta para ser ocupa-

da, e anexando instruções detalhadas para chegarem nela, visto que, conforme era obrigado a explicar, era muito difícil descobrir informações sobre como achar a casa, sobretudo na comunidade rural que a rodeava. No dia anterior à sua partida rumo à Casa da Colina, o dr. Montague foi convencido a incluir dentre suas companhias seletas um representante da família dona da casa, e um telegrama chegou de um de seus candidatos, recuando com uma desculpa nitidamente inventada. Um outro nunca apareceu nem escreveu, talvez devido à interferência de algum problema pessoal urgente. Os outros dois apareceram.

## 2

Eleanor Vance tinha trinta e dois anos quando foi à Casa da Colina. A única pessoa do mundo que odiava de verdade, agora que a mãe havia falecido, era a irmã. Desgostava do cunhado e da sobrinha de cinco anos e não tinha amigos. Isso se devia em grande parte aos onze anos que passara cuidando da mãe inválida, que a deixara com certa competência como enfermeira e a incapacidade de encarar o sol forte sem piscar. Não conseguia se lembrar de nenhum momento de felicidade genuína em sua vida adulta; os anos com a mãe haviam sido erigidos com zelo em torno de pequenas culpas e pequenas repreensões, cansaço constante e desespero interminável. Sem nunca querer se tornar reservada ou tímida, havia passado tanto tempo sozinha, sem ninguém para amar, que era complicado para ela falar, até mesmo casualmente, com outra pessoa sem acanhamento e uma incapacidade desastrada de achar palavras. Seu nome havia aparecido na lista do dr. Montague porque um dia, quando ela

tinha doze anos e a irmã dezoito, e não fazia nem um mês que o pai delas havia morrido, cascatas de pedras caíram na casa delas, sem nenhum aviso prévio ou sinal de propósito ou razão, caindo dos tetos, rolando sonoramente paredes abaixo, quebrando janelas e criando um batuque enlouquecedor no telhado. As pedras continuaram de modo intermitente por três dias, durante os quais Eleanor e a irmã se irritaram menos com as pedras do que com os vizinhos e turistas que se reuniam todos os dias diante da porta da frente, e da insistência cega, histérica da mãe de que tudo aquilo se devia às pessoas maliciosas e maledicentes do quarteirão que guardavam rancor dela desde que fora para lá. Depois de três dias, Eleanor e a irmã foram levadas para a casa de uma amiga, e as pedras pararam de cair e nunca voltaram, embora Eleanor e a irmã e a mãe tivessem voltado a morar na casa, e a rixa com a vizinhança inteira nunca tivesse terminado. A história foi esquecida por todo mundo exceto as pessoas que o dr. Montague havia consultado; sem sombra de dúvida foi esquecida por Eleanor e a irmã, cada uma tendo imaginado na época que a outra era a responsável.

Por todo o lado oculto de sua vida, desde que se entendia por gente, Eleanor vinha esperando por algo como a Casa da Colina. Cuidando da mãe, carregando uma senhora irritada da cadeira para a cama, arrumando bandejinhas de sopa e mingau de aveia, reunindo coragem para enfrentar a roupa imunda, Eleanor se agarrara à crença de que um dia algo aconteceria. Aceitara o convite para a Casa da Colina por meio de carta ao remetente em envelope selado, apesar de o cunhado ter insistido em ligar para umas pessoas e verificar se o tal do doutor não estava querendo apresentar Eleanor a ritos selvagens não desconectados de assuntos que a irmã de Eleanor julgava impróprios que uma moça solteira conhecesse. Talvez, a irmã de Eleanor sussurrou na privacidade do quarto conjugal, talvez o dr. Montague... se é que este *era* realmente o nome dele, afinal de contas... talvez



esse tal de dr. Montague *usasse* as mulheres para alguns... bom... *experimentos*. Você sabe do que eu estou falando... experimentos, como eles fazem. A irmã de Eleanor se apoiava fartamente nos experimentos que ouvira dizer que tais doutores faziam. Eleanor não tinha essas ideias, ou, tendo-as, não sentia medo. Eleanor, em suma, teria ido para qualquer lugar.

Theodora — esse era o máximo de nome que usava; assinava seus desenhos como “Theo” e na porta de seu apartamento e na vitrine de sua loja e na lista telefônica e no material de escritório pálido e no pé de uma adorável fotografia sua que ficava no console da lareira, o nome era sempre apenas Theodora — não era nada parecida com Eleanor. O dever e a consciência eram, para Theodora, atributos mais adequados às escoteiras. O mundo de Theodora era de deleite e de cores suaves; tinha aparecido na lista do dr. Montague porque — entrando aos risos no laboratório, trazendo junto uma onda de perfume floral — ela havia conseguido de alguma forma, satisfeita e empolgada com sua destreza incrível, identificar dezoito entre vinte cartas, quinze cartas entre vinte, dezenove cartas entre vinte, seguradas por uma assistente longe de seus olhos e ouvidos. O nome de Theodora brilhava nos registros do laboratório, então era inevitável que chamasse a atenção do dr. Montague. Theodora se divertira com a primeira correspondência do dr. Montague e a respondera por curiosidade (talvez a sabedoria acesa em Theodora, que lhe dizia os nomes dos símbolos em cartas longe de seus olhos, a instava a tomar o rumo da Casa da Colina), mas tinha a total intenção de recusar o convite. No entanto — talvez a empolgação, a urgência outra vez —, quando a carta de confirmação do dr. Montague chegou, Theodora ficou tentada e sabe-se lá como mergulhou às cegas, descontroladamente, em uma briga violenta com a amiga com quem

dividia o apartamento. Ambas disseram coisas que só o tempo poderia apagar; Theodora havia quebrado proposital e cruelmente a linda estatueta dela que a amiga esculpira, e a amiga cometera a brutalidade de rasgar em pedacinhos o volume de Alfred de Musset que Theodora lhe dera de presente de aniversário, se empenhando sobretudo na folha que portava a dedicatória amorosa, provocadora, de Theodora. Claro que esses atos eram inesquecíveis e, antes que pudessem rir deles juntas, o tempo teria de passar; Theodora havia escrito naquela noite, aceitando o convite do dr. Montague, e partido num silêncio frio no dia seguinte.

Luke Sanderson era um mentiroso. Também era ladrão. Sua tia, a dona da Casa da Colina, gostava de ressaltar que o sobrinho teve a melhor educação, as melhores roupas, o melhor gosto e as piores companhias que já tinha visto; ela teria aceitado de pronto a primeira oportunidade de isolá-lo num lugar seguro por algumas semanas. O advogado da família foi persuadido a convencer o dr. Montague de que a casa não poderia de jeito nenhum lhe ser alugada com os objetivos que tinha sem a presença restritiva de um membro da família, e talvez no primeiro encontro o doutor tivesse percebido em Luke uma espécie de força, ou instinto felino de autopreservação, que o deixou tão ansioso quanto a sra. Sanderson para que Luke ficasse com ele na casa. Em todo caso, Luke estava entretido, a tia grata e o dr. Montague mais do que satisfeito. A sra. Sanderson disse ao advogado da família que de qualquer modo não havia nada na casa que Luke pudesse roubar. A velha prataria que estava lá tinha certo valor, contou ao advogado, mas representava uma dificuldade quase insuperável para Luke: era preciso energia para furtá-la e transformá-la em dinheiro. A sra. Sanderson cometeu uma injustiça contra Luke. Era bem pouco provável

que o sobrinho fugisse com a prataria da família, ou o relógio do dr. Montague, ou o bracelete de Theodora; sua desonestidade de modo geral se restringia a pegar trocados da carteira da tia e trapacear nos jogos de cartas. Também era propenso a vender relógios e cigarreiras que lhe eram dados, com carinho e com belos rubores, pelas amigas da tia. Um dia Luke herdaria a Casa da Colina, mas jamais tinha imaginado que moraria lá.

### 3

“Só acho que ela não devia pegar o carro, só isso”, o cunhado de Eleanor declarou com teimosia.

“O carro é metade meu”, retrucou Eleanor. “Eu ajudei a pagar.”

“Só acho que ela não devia pegar, só isso”, o cunhado repetiu. Ele apelou à esposa. “Não é justo que só ela use o carro o verão inteiro e a gente fique sem.”

“A Carrie dirige o tempo todo e eu nunca nem tirei ele da garagem”, disse Eleanor. “Além disso, você vai passar o verão inteiro nas montanhas, e não vai usar o carro lá. Carrie, você sabe que não vai usar o carro nas montanhas.”

“Mas imagine se a coitada da Linnie fica doente ou sei lá o quê? E a gente precisa de um carro para levar a criança ao médico?”

“O carro é metade meu”, Eleanor afirmou. “Pretendo levá-lo.”

“Imagine se até a Carrie passa mal? Imagine se a gente não consegue um médico e precisar ir para o hospital?”

“Eu quero o carro. Eu vou usar o carro.”

“Acho que não vai dar.” Carrie falava devagar, ponderava. “A gente não sabe para onde você vai, não é? Você não achou uma

boa ideia nos falar muito sobre tudo isso, não é? Acho que não me sinto à vontade de te deixar pegar meu carro emprestado.”

“O carro é metade meu.”

“Não”, decretou Carrie. “Você não pode.”

“Isso mesmo.” O cunhado de Eleanor assentiu. “A gente precisa dele, como a Carrie já falou.”

Carrie deu um leve sorriso. “Eu jamais iria me perdoar, Eleanor, se te emprestasse o carro e algo acontecesse. Como é que a gente vai saber se dá para confiar nesse tal de doutor? Você ainda é jovem, afinal, e o carro vale uma boa grana.”

“Veja bem, Carrie, eu *liguei* para o Homer no fisco e ele disse que o sujeito está em dia com uma faculdade qualquer...”

Carrie disse, ainda sorridente: “Claro, temos todas as razões para imaginar que seja um homem decente. Mas a Eleanor escolheu não nos falar aonde está indo, ou como entrar em contato se quisermos pegar o carro de volta; poderia acontecer alguma coisa e nós jamais ficaríamos sabendo. Por mais que a Eleanor”, ela prosseguiu com delicadeza, se dirigindo à xícara de chá, “por mais que a *Eleanor* esteja disposta a fugir até os confins do mundo a convite de um homem qualquer, *ainda* assim não existe razão para ela ter direito para levar meu carro com ela.”

“O carro é metade meu.”

“Imagine se a coitada da Linnie fica doente, lá no alto da montanha, sem ninguém por perto? Sem médico?”

“Em todo caso, Eleanor, tenho certeza de que estou fazendo o que a mamãe acharia melhor. A mamãe confiava em mim e não tenho dúvida de que jamais aprovaria que eu te deixasse à solta, indo sabe-se lá aonde, com o meu carro.”

“Ou imagine se até *eu* fico doente, lá no alto...”

“Tenho certeza de que a mamãe estaria de acordo comigo, Eleanor.”

“Além do mais”, declarou o cunhado de Eleanor, a quem de

repente ocorreu uma ideia, “como é que a gente vai saber se ela vai trazer o carro de volta em boas condições?”

Para tudo tem de haver uma primeira vez, Eleanor disse a si mesma. Desceu do táxi, de manhã bem cedinho, tremendo porque talvez a esta altura a irmã e o cunhado estivessem agitados pelas primeiras e leves pontadas de desconfiança; ela tirou a mala do táxi rapidamente enquanto o motorista pegava a caixa de papelão acomodada no banco da frente. Eleanor lhe deu uma ótima gorjeta, se perguntando se a irmã e o cunhado estariam no seu encaixe, talvez virando a esquina naquele exato momento e dizendo um ao outro: “Ali ela, bem como a gente imaginou, a ladra, ali ela”; ela se virou às pressas para entrar no enorme estacionamento metropolitano em que o carro deles era guardado, lançando olhares nervosos para o fim da rua. Esbarrou numa senhorinha bem pequena, fazendo pacotes caírem por todos os lados, e viu consternada um saco tombar e rasgar na calçada, derramando uma fatia quebrada de cheesecake, tomate picado e um pãozinho doce. “Que droga que droga!”, a senhorinha berrou, quase encostando o rosto no de Eleanor. “Eu ia levar pra casa, que droga que droga!”

“Mil desculpas”, disse Eleanor; ela se abaixou, mas parecia impossível catar os fragmentos de tomate e de cheesecake e arranjar uma forma de enfiá-los no saco rasgado. A senhora olhava para baixo de cara amarrada e recolhia seus outros pacotes antes que Eleanor pudesse alcançá-los, e por fim Eleanor se levantou, sorrindo num pedido convulsivo de desculpas. “Eu realmente lhe peço mil desculpas”, declarou.

“Que droga”, a senhorinha repetiu, mas em tom mais baixo. “Eu ia levar para casa para ser meu lanche da manhã. E agora, graças a você...”

“E se eu pagasse?” Eleanor pegou a carteira e a senhorinha ficou impassível e ponderou.

“Não posso aceitar dinheiro assim do nada”, ela disse por fim. “Não comprei essas coisas, entende. São sobras.” Ela estalou os lábios com raiva. “Você tinha que ter visto o presunto que eles tinham”, ela disse, “mas foi *outra* pessoa que ficou com *ele*. E o bolo de chocolate. E a salada de batata. E as balinhas nos pratinhos de papelão. Cheguei tarde demais para *tudo*. E agora...” Ela e Eleanor olharam para a bagunça na calçada e a senhorinha disse, “Você entende, então, por que eu não posso aceitar dinheiro, não dinheiro da sua mão, não por uma coisa que era sobra”.

“Posso comprar alguma coisa para repor isso, então? Estou com muita pressa, mas se a gente encontrasse um lugar aberto...”

A senhorinha deu um sorriso maldoso. “De qualquer forma, ainda tenho *isto aqui*”, afirmou, apertando um pacote com força. “Você poderia pagar meu táxi para casa”, ela pediu. “Assim vai ser pouco provável que *mais* alguém me derrube.”

“Com prazer”, Eleanor disse e se virou para o taxista, que estava à espera, interessado. “O senhor poderia levar essa senhora para casa?”, ela indagou.

“Alguns dólares bastam”, disse a senhorinha, “sem contar com a gorjeta do cavalheiro, é claro. Pequeninha como *eu* sou”, ela explicou com delicadeza, “é um baita perigo, um baita perigo mesmo, alguém me derrubar. Ainda assim, foi um prazer enorme encontrar uma pessoa tão disposta quanto você a me compensar pelo ocorrido. Às vezes as pessoas que nos derrubam nem olham para trás.” Com o auxílio de Eleanor ela entrou no táxi com os pacotes e Eleanor pegou dois dólares e cinquenta centavos da carteira e os entregou à senhorinha, que os segurou com força com sua mãozinha.

“Pois bem, querida”, o taxista disse, “para onde?”

A senhorinha deu uma risadinha. “Digo depois que o se-

nhor der a partida”, ela declarou, e então, para Eleanor, “Boa sorte para você, queridinha. Daqui pra frente, fique de olho aberto para não sair derrubando as pessoas.”

“Adeus”, disse Eleanor, “e peço mil desculpas mesmo.”

“Não se preocupe”, disse a senhorinha, acenando enquanto o táxi se afastava do meio-fio. “Vou orar por você, queridinha.”

Bom, pensou Eleanor, fitando o táxi, uma pessoa, pelo menos, vai orar por mim. Ao menos uma pessoa.

## 4

Foi o primeiro dia realmente ensolarado do verão, uma época do ano que sempre suscitava em Eleanor lembranças saudosas de sua primeira infância, quando parecia ser sempre verão; não conseguia se lembrar do inverno antes da morte do pai em um dia frio e úmido. Ultimamente adquirira o hábito de devanear, durante esses anos contados às pressas, sobre o que foi feito de todos aqueles dias de verão desperdiçados; como os passara de maneira tão imprudente? Sou uma boba, dizia a si mesma no início de cada verão, sou uma bocó; já sou adulta e sei o valor das coisas. Nada é de fato desperdiçado, sua sensatez a levava a crer, nem mesmo a infância de alguém, e então a cada ano, numa manhã de verão, o vento quente descia a rua por onde andava e ela era tocada pela ideiazinha fria: deixei mais tempo passar. Porém, nesta manhã, dirigindo o carrinho de que ela e a irmã eram donas, apreensiva com a possibilidade de que ainda se dessem conta de que ela por fim simplesmente o levara embora, seguindo docilmente pelas ruas, acompanhando o sentido do tráfego, parando quando necessário e dobrando a esquina quando pos-